CONTOS DE HORROR

O horror da Peste Negra

Seis contos para apavorar

TURMA 706

Sumário

Apresentação 3
1. O domínio da peste 4
2. A civilização do rei Rômulo 5
3. A peste ataca novamente 6
4. A peste negra 8
5. A cura da peste 9
6. A bruxa de Carcassone 12

Apresentação

Quem não gosta de uma boa história de suspense, temperada com alguns sustos durante a leitura e alguma dose de horror ao final? Vampiros, lobisomens, fantasmas, a criatura de Frankenstein são só alguns dos personagens muito famosos desse gênero literário que atravessaram os séculos firmes e fortes no imaginário popular. Muitos estavam presentes nas lendas e narrativas orais muito antigas, foram registrados em livros e, posteriormente, representados em filmes, séries, desenhos animados, brinquedos e tantos outros objetos culturais de nosso tempo.

No 7º ano, um dos gêneros literários estudados é a narrativa de horror. As professoras de Português propuseram a leitura de vários contos dentro dessa temática, seguidos de análise e discussão e, dentro de um projeto interdisciplinar, foi solicitado aos estudantes que escrevessem, em grupo, um conto de horror que tivesse alguns elementos específicos, a fim de contemplar as disciplinas Ciências Sociais, Ciências Naturais, História, Educação Musical e Informática Educativa.

Para atingir tal propósito, os estudantes deveriam ambientar seu conto na Idade Média (História), utilizando como elemento desencadeador do horror a peste negra (Ciências Naturais), e também deveriam abordar como as pessoas, por desconhecimento social ou científico, poderiam cometer equívocos em relação ao tratamento da doença ou mesmo ser preconceituosas (Ciências Sociais). Após a elaboração do conto, os estudantes produziram um curta, orientados pelas professoras de Informática Educativa, utilizando também recursos de sonoplastia (Educação Musical). Os vídeos estão disponíveis no site da Informática Educativa do Colégio Pedro II (*Campus* Realengo II).

O resultado desse complexo e criativo trabalho está, agora, em suas mãos: oito contos, escritos com dedicação pelos estudantes da 706.

Boa leitura!

Professoras Monique Lima e Priscila Menezes

1. O domínio da peste

(Guilherme, Davi Sousa, Laís, Kaiky, Nicolas)

No século XIV, durante a guerra dos cem anos, um camponês trabalhava arduamente na horta de uma abadia. Como a peste negra estava em seu auge nesta época, tinha altas chances de você pegar a epidemia. Enquanto o camponês trabalhava, passou um rato entre suas pernas, fazendo com que o trabalhador pegasse a doença. Alguns dias depois, o camponês começou a sentir alguns sintomas muito fortes como: febre alta, dores localizadas, apatia e etc.. Então, ele acabou desmaiando, e, quando seus companheiros de trabalho viram o pobre camponês, o carregaram até a enfermaria da abadia.

Quando ele acordou, viu vários médicos com uma máscara com um bico de ave, e, de repente, começou a ficar extremamente agressivo com os médicos, ao ponto de quase matá-los. E então os outros camponeses chegaram para tentar segurá-lo, e, nesta confusão, muitas outras pessoas foram infectadas. Enquanto tudo isso acontecia, os outros moradores da abadia foram para igreja rezar para que tudo aquilo acabasse, e outros meditaram no claustro para manter a calma, mas nada disso adiantou. E, como na área da abadia tinha mendigos, as pessoas acharam que eles eram a causa da epidemia. Então, começaram a maltratar e matar muitos deles. Os infectados começam a ficar com uma aparência e jeito de zumbi, e ficavam assim até que seu corpo se desintegrasse completamente, levando-os à morte.

Médicos e soldados tentaram fazer uma espécie de quarentena em volta da abadia, para que a doença não se alastrasse pelo reino. Como estava acontecendo uma guerra, os equipamentos para contenção eram precários. Então todos os infectados saíram, mataram tanto os médicos quanto soldados que estavam fazendo a quarentena.

Quando o rei descobriu toda a situação, ele pegou toda sua família, e juntos se isolaram no castelo, protegido por muitos soldados. Porém, um de seus soldados estava infectado, e ninguém sabia. Logo depois o soldado atacou o filho do rei, quase o matando, então o rei mandou segurar esse soldado e executá-lo. Só que agora já era tarde demais, pois o filho já estava infectado, e o rei até suspeitou que o soldado estava com a peste e passou-a para seu filho, mas ele não fez nada. Assim a doença se alastrou pelo castelo, e todos começaram a ficar agressivos, se matarem, e virarem zumbis. E o rei ficou escondi-

do em um cômodo do castelo com sua esposa, mas as portas não seguraram as criaturas, então os monstros entraram no cômodo e os mataram. Os zumbis começaram a se espalhar por toda aquela região, e alguns reis de outros reinos próximos se trancaram em seu castelo por medo, mas eles não sabiam que quando se trancavam, o vírus ficava preso lá dentro, e logo outros reinos começaram a ser infectados. E o caos reinou grande parte da Europa.

2. A civilização do rei Rômulo

(Ana Laura, Gustavo, Luiz Eduardo, Nicolly)

Na Alemanha existia uma civilização média com cerca de mil moradores, mas eles possuíam uma produção precária, que não dava conta de alimentar todos. Com isso, algumas pessoas acabavam morrendo de fome. Meses depois, a população diminuiu consideradamente e isso fez com que o rei Julian ficasse preocupado com as mortes. Enviou, então, uma carta para uma cidade asiática, em que dizia:

"Boa tarde cidadãos asiáticos, faço esta carta com o objetivo de pedir socorro, pois nossa cidade está sem recursos para se manter, eu quero fazer um acordo com você. Ofereço os minérios que tenho em minhas terras em troca de seus alimentos. Rei Julian"

O monarca pediu ao seu melhor navegador para levar sua carta à Ásia, e entregá-la ao rei de lá.

Meses se passaram até que a carta chegou à cidade do rei Rômulo. Ele, então, ele escreveu uma resposta:

"Olá, caro colega alemão, eu aceito sua proposta. Então, alguns dias depois que receber esta carta, meus mineradores chegarão em um barco de bandeira vermelha, junto com seus alimentos. Rei Rômulo"

Depois de um mês e quatro dias, as embarcações vindas da Ásia, enviadas pelo rei Rômulo, chegaram com os alimentos pedidos, porém todos os barcos estavam quebrados e os mineradores mortos, apenas um único homem tinha sobrevivido. Então o doutor Leomar, o melhor de todos, examinou os corpos e, vendo as marcas nos corpos, achou que era obra do satanás. Em seguida, levou o sobrevivente para a igreja, pois lá era um local sagrado. Leomar tentou descobrir a cura para a doença.

Ele conseguiu, mas, na verdade, não era nada religioso e sim, uma doença chamada Peste Negra. Leomar, após descobrir isso, resolveu fazer um experimento para tentar combater a doença. Só que ele acabou criando uma mistura errada, que causou uma grande explosão, misturando todos os elementos químicos que possuía em sua sala dentro da igreja. Com essa mistura que caiu em cima dele e do paciente, os dois se transformaram em um ser estranho e gosmento, sem raciocínio. Então, eles saíram caminhando por toda a cidade, transmitindo para todas as pessoas a peste e a forma gosmenta.

Os anos se passaram, e a doença foi se espalhando até chegar na Ásia, nas terras do rei Rômulo. Então, o rei se escondeu em uma ilha, sozinho. Porém, ele não sabia que a peste se transmitia pelo ar, e ficou doente. Minutos se passaram e Rômulo foi piorando cada vez mais, até que isso fez com que ele morresse.

3. A peste ataca novamente

(Davi Bilbáo, Gabriel Britto, Kamilly, Nathan, Yasmin)

Na Idade Média, período onde predominavam feudos e cidades, havia muitos castelos, moradias muito próximas e grandes plantações. Dois amigos, bárbaros chamados José e André, gostavam muito de saquear e decidiram ir para o leste da Ucrânia. Eles conseguiram ter sucesso nisso, mas, como consequência, foram infectados pela peste e não se deram conta. Isso ocorreu porque nesse local a proximidade com o Oriente Médio fez dele alvo de infestação dessa doença que era transmitida pela pulga dos ratos e pelo contato respiratório com alguém infectado. Foi desta última forma que os amigos bárbaros contraíram esse mal.

Mesmo doentes, resolveram saquear uma feira em que vários camponeses estavam trocando suas mercadorias. Outros bárbaros, mesmo aterrorizados pela peste tentavam saquear também, mas contraíram e transmitiram a doença. Por causa disso, acabaram morrendo.

Havia um camponês chamado Arthur que possuía conhecimentos medicinais, e decidiu resolver o problema, que era a doença desconhecida. Ele sabia que poderia morrer nessa missão, mas seguiu em frente. Ao pesquisar ao redor da vila, percebeu que,

muito rapidamente, muitas pessoas eram infectadas. O jovem pensou que deveria saber como a doença se espalhava já que essa informação não havia chegado na Ucrânia, e poucos médicos conheciam suas formas de transmissão.

Arthur vagou e vagou, e percebeu que, nas casas analisadas, o chão estava em condições péssimas, o que atraía ratos. Lembrou-se ainda de que muitas pessoas estavam sentindo fortes dores e definiu essa queixa como principal sintoma.

A cada dia, o jovem pensava que deveria ser mais rápido e eficaz, isso fez com que percebesse que o contato respiratório também era uma forma de transmissão. Com a mesma velocidade da peste, se espalhava também, entre a população, a ideia de que os acontecimentos eram resultado de alguma maldição causada por seres sobrenaturais, que sempre foram motivo de pânico para os camponeses. A preocupação popular era com a religiosidade e não em melhorar a higiene local e evitar o contato desprotegido com os doentes, cuidados que o jovem Arthur orientava, gerando um grande conflito.

Um dia, enquanto andava, o camponês de repente pensou que alguém estava por perto o seguindo, achou até que poderia ser um fantasma, o que seria um absurdo para ele que era quase um cientista. Na verdade, era a sensação de que a peste estaria tentando atacá-lo, mas Arthur resistia forte.

Ele se lembrou, então, de que suas amigas Elena e Sabrina poderiam ajudar, já que eram curandeiras. Pouco antes de ele chegar, Sabrina havia morrido e o camponês entendeu que a peste estava à sua volta. Ele ficou frustrado e queria resolver o problema, mas não sabia se conseguiria.

Com a ajuda de Elena, Arthur não desanimou e tentou desenvolver, com seus conhecimentos medicinais, o antídoto para a doença. A amiga, sem que ele soubesse, possuía conhecimentos de bruxaria e se comunicava com fantasmas. Eram eles que orientavam a ela sobre quais ingredientes buscar para a produção do remédio.

Depois de algumas tentativas, usando alguns camponeses doentes como cobaias, os dois perceberam que o remédio era eficaz porque começaram a observar a melhora nas pessoas, desde que não estivessem tão graves.

Elena achou que era a hora de revelar sobre a ajuda extra que recebeu dos fantasmas, mas Arthur não acreditou. Ele também não percebeu que contraiu a doença e, com o passar do tempo, já estava grave e o remédio não poderia ajudá-lo. Infelizmente o preço foi sua morte e ele passou a acreditar nos fantasmas quando se tornou um deles.

4. A peste negra

(Arthur, Gabriel Melo, Isabele Sessa, Maria Eduarda, Samara)

Meu nome é Alexandre, mais conhecido como “A Peste Negra". Hoje vou lhes contar uma história, a história de como morri e destruí o reino do meu inimigo.

Há muito tempo, por volta do século XIV na Europa medieval, nós, o povo viking, estávamos em guerra contra o Rei Philipe. Acontece que houve uma grande epidemia de peste negra. Os sintomas que as outras pessoas sentiam eram magníficos para mim e terríveis para eles. Por exemplo: náusea, dores horríveis no corpo, convulsões, tosses com sangue, etc.. Esses sintomas acabaram ocasionando minha morte e meu espírito foi possuído pela peste negra.

Desde então jurei vingança ao Rei Philipe a seu povo. Passaram-se alguns anos e, finalmente, uma grande oportunidade apareceu. O Rei daria uma gigantesca festa em seu majestoso castelo, com todos os nobres de seu reino. A festa iria ocorrer no grande salão do castelo.

Chegando o dia tão esperado, havia tudo preparado para a minha doce vingança. E quando eu estava chegando no feudo, vi uns camponeses no manso servil trabalhando e os ataquei, contaminei todo! Um guarda do castelo percebeu que eles estavam infectados e avisou ao Rei:

— Rei! Rei! Tenho terríveis notícias! — gritou o guarda

E disse o Rei:

— Conte-me logo! O que aconteceu?

— Um grupo de camponeses estava trabalhando quando foram contaminados pela peste negra!

E, apavorado, respondeu o Rei:

— Feche todo o castelo, a partir de agora ninguém entra ou sai!

Então os guardas fecharam todas as saídas incluindo o alicerce e a ponte levadiça para que a peste não entrasse. O castelo estava impenetrável. Entretanto, de nada os es-

forços deles adiantaram, pois estou em todos os lugares em que se pode imaginar. Então entrei e continuei meu plano de vingança. Comecei a minha diversão. Primeiro contaminei os guardas. Depois alguns nobres que estavam na cozinha. Logo em seguida, fui a outras alas, desliguei algumas velas para provocar terror nas minhas vítimas e fechei todas as saídas do salão principal. Todos estavam em pânico gritando. Ah! Que som gratificante:

— Socorro! – gritavam aterrorizados

— Socorro!

— Estamos presos! — exclamou um dos nobres

— Alguém no ajude!

Comecei a matar um por um em cada cômodo. Quando perceberam que estavam morrendo, todos tentaram desesperadamente sair, mas de nada adiantou, pois os matei da pior forma possível. Faltava apenas o Rei e sua família. Então os contaminei e os deixei sofrer um pouco com os sintomas. Quando estavam nos seus últimos momentos de vida, peguei uma espada de um soldado morto e decapitei primeiro as crianças, sua mãe e por último o Rei. Deixei suas cabeças em frente ao castelo. Assim deixei também o meu legado.

5. A cura da peste

(Caio, Gabriel Lima, João Guilherme, Matheus, Vitor Canuto)

O reino estava se decompondo, de pouquinho em pouquinho, a população ia diminuindo. Há quatro anos, a primeira pessoa havia sido contaminada, e, até hoje, ninguém conseguiu escapar da peste, exceto quatro garotos.

Muitos dizem que a peste é pior que a morte. No primeiro mês, ela apenas está em você. Já no segundo e no terceiro, a pessoa sente febre alta, vomita com sangue, tem dor de cabeça, dores no corpo, fraqueza, tosse dolorosa, manchas pelo corpo e bolhas dolorosas. O pior aparece no quarto e no quinto mês. Você começa a ter surtos, agredir pessoas, gritar e correr. No último dia, a pessoa parece um monstro, com a pele deformada e o rosto quase irreconhecível. Os surtos ficam cada vez piores e, de repente,

a pessoa está morta, e mais de repente ainda, a coisa está viva. Porém, há uns três meses as pessoas que chegaram aos quatro meses foram sacrificadas.

Grande parte do povo, achava que a peste era um castigo, pelas pessoas que desobedeciam a igreja e se voltavam contra os nobres.

As únicas pessoas que não estavam contaminadas, neste reino, eram: Alexander, seu irmão mais novo – Mario – e seus melhores amigos Cristopher e Biorner.

Era quase um milagre eles não estarem contaminados, pois suas famílias estavam contaminadas e a maioria dos parentes já havia morrido. Mesmo eles não estando contaminados, suas vidas não eram fáceis, apesar de terem ganhado casas novas, perto do rio e do castelo, bem melhores do que suas antigas casas, improvisadas em terras comuns, todo dia eles eram estudados pelos curandeiros, e, quando voltavam para casa, o resto de seus parentes (os vivos) estava pior do que antes. A dor deles era tão grande, que não me atrevo a tentar expressá-la.

Felizmente, os curandeiros já estavam perto da cura, realizando estudos com o sangue dos garotos. Exatamente no dia 27 de maio de 1534, a cura havia sido descoberta. O sangue deles, puro, apenas uma colher de chá por pessoa, isso era a cura. O problema era que, para todo o povo continuar vivo, seria preciso de todo sangue deles.

No dia seguinte, os meninos foram para a igreja, para serem estudados, porém, ao chegarem lá, foram surpreendidos e desmaiados.

Quando os meninos acordaram, estavam amarrados em uma sala estranha, e ficaram desesperados não sabiam o que tinha acontecido. Um curandeiro entrou na sala e viu que os garotos haviam acordado. Foi em direção a Biorner. Quando estava perto, o garoto se jogou em cima do curandeiro, afrouxando suas cordas e desmaiando aquele curandeiro.

Depois de desamarrar seus amigos, ele foi na frente, saiu da sala correndo e com muita raiva, muito medo e vários sentimentos e sensações:

— Biorner, volte aqui, só porque você desmaiou um curandeiro, não significa que os outros também estarão desacordados.

— Vamos com cautela. — disse Alexander.

— Estou com medo. — sussurrou Mario.

Era realmente assustador. Aquele lugar era como o lado negro da igreja. Havia bichos mortos, órgãos expostos, pouca iluminação, pessoas contaminadas aparentemente já no estado final e o mais assustador: a cura para a peste. Não a cura, mas um pergaminho escrito como aquilo curaria as pessoas, dentre outras informações:

— Eu não vou dar meu sangue para esses curandeiros, vocês vão?

— Biorner, não fale tão alto. — falou Cristopher.

— As crianças fugiram! — gritou um curandeiro.

— Corram. — disse Alexander estranhamente calmo.

As crianças correram muito, chegaram ao lado normal da igreja. Estavam quase na saída, quando um curandeiro os pegou.

Biorner batalhou com três de uma vez. Foi muito bem, porém não foi páreo para os três. Logo, estava desmaiado. Os garotos estavam encurralados. Alexander jogou um vaso em dois curandeiros, ele se quebrou. Então Alexander pegou um caco e os outros dois o imitaram. Após dois curandeiros serem desmaiados, um deixou cair uma chave que foi pega por Alexander, quando um morto morto-vivo foi correndo para cima de um curandeiro. Parecia faminto, e ninguém fez nada, apenas assistiram o homem ser devorado e o monstro escapar pela porta.

Alexander teve uma ideia.

Agora eles estavam indo para a porta de saída, porém os curandeiros perceberam e a bloquearam. Alexander deu um corte na garganta do curandeiro que estava realmente bloqueando a porta e a abriu. Em seguida, jogou seu irmão Mario para fora dando as instruções para não se preocupar com eles e correr. Então o jovem trancou a porta.

Após duas semanas sem encontrar o fugitivo contaminado desistiram, acharam que estava morto e um mês depois, a maior porte da população estava curada, por um líquido que vinha de uma flor milagrosa, porém mil pessoas ainda estavam contaminadas, por que estavam em falta as tais flores.

6. A bruxa de Carcassone

(Danilo Menezes, Gabriel Miranda, Jorge Luiz, Nara, Victor Menezes,)

Pierre era um jovem que gostava de se aventurar e visitar locais exóticos. Ouvira falar da descoberta de ruínas de um cemitério em Carcassone, um velho vilarejo medieval no interior da França, e decidiu explorar o local. Já era final de tarde, quando ele chegou a uma estrada aparentemente deserta. Seu carro ficou sem combustível e seu celular não funcionava naquele ponto distante da civilização. A Lua brilhava fortemente no céu e a única coisa que se ouvia era um leve ruído e o som de alguns corvos. O homem, cansado e procurando algum lugar para passar a noite, notou que aquele ruído ficava cada vez mais alto e, de repente, olhou para o lado e se deparou com uma velha senhora que o olhava misteriosamente. Ela se aproximou lentamente e perguntou:

— Está perdido, meu jovem?

Ele estranhou aquela figura sinistra que se dirigiu a ele. Não teve medo, apesar de sua aparência um tanto assustadora: cabelos desgrenhados, pele pálida, roupas rasgadas e antiquadas e uma voz que parecia vir do fundo de uma gruta.

Sentindo que deveria responder à pergunta, ele disse:

— Err..., na verdade estou. Preciso encontrar um lugar para passar a noite.

Então, com um olhar levemente malicioso, ela declarou:

— Pois bem. Conheço um vilarejo aqui perto. Siga naquela direção.

E ela apontou para uma estrada que ele não havia notado. Quando ele se virou para agradecer, a estranha senhora tinha simplesmente desaparecido.

Muito assustado, Pierre correu em direção ao vilarejo. Lá encontrou um homem com a aparência estranha na janela de uma casa. Aquele local havia sido atingido pela peste negra ou peste bubônica, transmitida por pulgas de ratos pretos infectadas pela bactéria Yersinia Pestis. Muitos haviam morrido ali e muito preconceito e superstições surgiram diante daquele sofrimento.

A figura misteriosa logo o convidou para entrar. A casa era pequena e muito precária com uma estrutura de madeira, chão de terra batida e uma fogueira em seu interi-

or. O telhado era de palha e havia um espaço reservado para animais. O jovem estranhou a sujeira e umidade da casa e também a presença de vacas, cavalos, cães, galinhas e patos que viviam nela, mas julgou tratar-se de alguma espécie de museu. Devido ao medo que sentira, quase sem fôlego, começou a contar o ocorrido.

O homem ouviu a história impassível e sem esboçar uma reação de incredulidade. Quando o relato terminou, ele disse:

— Você provavelmente teve um encontro com a bruxa de Carcassone, meu caro. Uma maldição que assola este vilarejo há séculos.

"Essa é uma história bem longa que começa no século XIV na Europa, aqui mesmo nessa casa, onde morava um camponês chamado Edwin e sua esposa Aldith. Um dia, ele estava trabalhando em sua plantação e sentiu-se muito cansado, então, voltou para sua casa mais cedo. No dia seguinte, ele percebeu que sua virilha e axilas estavam inchadas e que seu corpo estava com algumas manchas pretas, isso além do cansaço e da febre alta. Mal sabia ele, que aquele era o início de grande desgraça: a Peste Negra."

— Aldith, Aldith... — murmurou Edwin, muito fraco.

— Estou me sentindo muito mal... Por favor, me ajude — disse Edwin e desmaiou.

—Edwin! —gritou espantada a esposa.

"Passaram-se dois dias e o camponês continuava doente, agora as manchas estavam maiores e se espalhando e ele tinha certa dificuldade para respirar. Àquela altura, ele e sua esposa Aldith estavam muito preocupados com a plantação, porque a mulher não sabia cultivar e uma terrível crise de fome assolava aquele local. Porém, tudo que podiam fazer era esperar.

O jovem não foi o único. Com o passar dos dias, vários outros casos aparecerem e a população começou a se desesperar.

O Nobre que comandava aquele Feudo, vendo que a situação estava crítica, chamou os padres católicos para as confissões e penitências, pois se acreditava ser este o primeiro passo para a cura da peste. Depois contratou médicos especializados na doença. Eles usavam máscaras com um formato de bico de ave e com ervas e aromatizantes no seu interior para se protegerem dos miasmas ou ares infectados.

— Aqui estamos, nobre senhor. Após as penitências serem cumpridas, vamos tratar essas pessoas com sangrias, lavagens com água rosada com vinagre, defumadores com ervas aromáticas e aplicação de clisteres para vazar o ventre — informou o médico chefe.

— Façam o que for preciso. Muitos já morreram e não desejo uma revolta como as que estão acontecendo em outros Feudos! — retrucou o Nobre.

Os médicos chegaram à casa de Edwin e o encontraram muito debilitado e com muitas manchas pretas em seu corpo. Eles realizaram todos os procedimentos da época. A mulher do camponês, não observando qualquer melhora, temia que o marido não tivesse mais chances de sobreviver.

— Por favor, cavalheiros! Salvem o meu marido! — pedia a desesperada Aldith.

Infelizmente, de pouco adiantou o tratamento e, após três dias de sofrimento, Edwin morreu.

— Oh, Edwin, meu amado marido! — gritava e chorava a mulher.

Pouco tempo depois, quase um terço do lugar já havia morrido e as pessoas não sabiam a que atribuir aquilo. A presença da igreja e dos médicos não estava adiantando e, então, numa tentativa desesperada de acabar com a desgraça que se abateu sobre eles, Aldith e os demais camponeses responsabilizaram uma mulher... Era uma velha senhora que, por não seguir a Igreja, foi acusada de ter usado bruxaria para lançar uma praga no Feudo."

— A bruxa é a responsável! Queimem a bruxa e a doença deixará o vilarejo! Queimem a bruxa! — gritavam Aldith e os camponeses enfurecidos.

O Senhor do feudo sentiu-se acuado e com medo de que uma revolta tomasse conta do lugar e pediu aos padres para resolverem a questão. No seu julgamento, a pobre mulher, que simplesmente vivia afastada da cidade e não tinha tempo para a prática cristã, tentou se defender dizendo que as acusações eram falsas, porém ninguém acreditou. Então, ela foi executada de maneira terrível: queimada na fogueira.

E, enquanto as chamas consumiam o seu corpo, ela rogou uma praga:

— Já que Deus me castiga através de seus sacerdotes, eu peço a Belzebu que me dê o sabor da vingança!

— Ahhhhhhhhhhhh! — gritou a mulher de dor e agonia e morreu.

Após esse episódio, a doença continuou avançando até finalmente matar quase metade das pessoas do vilarejo. A sensação era a que *tínhamos* cometido uma grande injustiça...

— A bruxa não foi a responsável pela doença. — murmurou tristemente o padre.

Após a doença, finalmente, ter desaparecido do lugar, uma grande pilha de corpos se amontoava no cemitério local à espera de sepultamento. Nesse momento, houve relatos de aparições de um espectro que matava os camponeses e aprisionava suas almas. Era a bruxa de Carcassone que voltara para se vingar. A pilha de corpos aumentou com as vítimas da mulher que morrera injustamente.

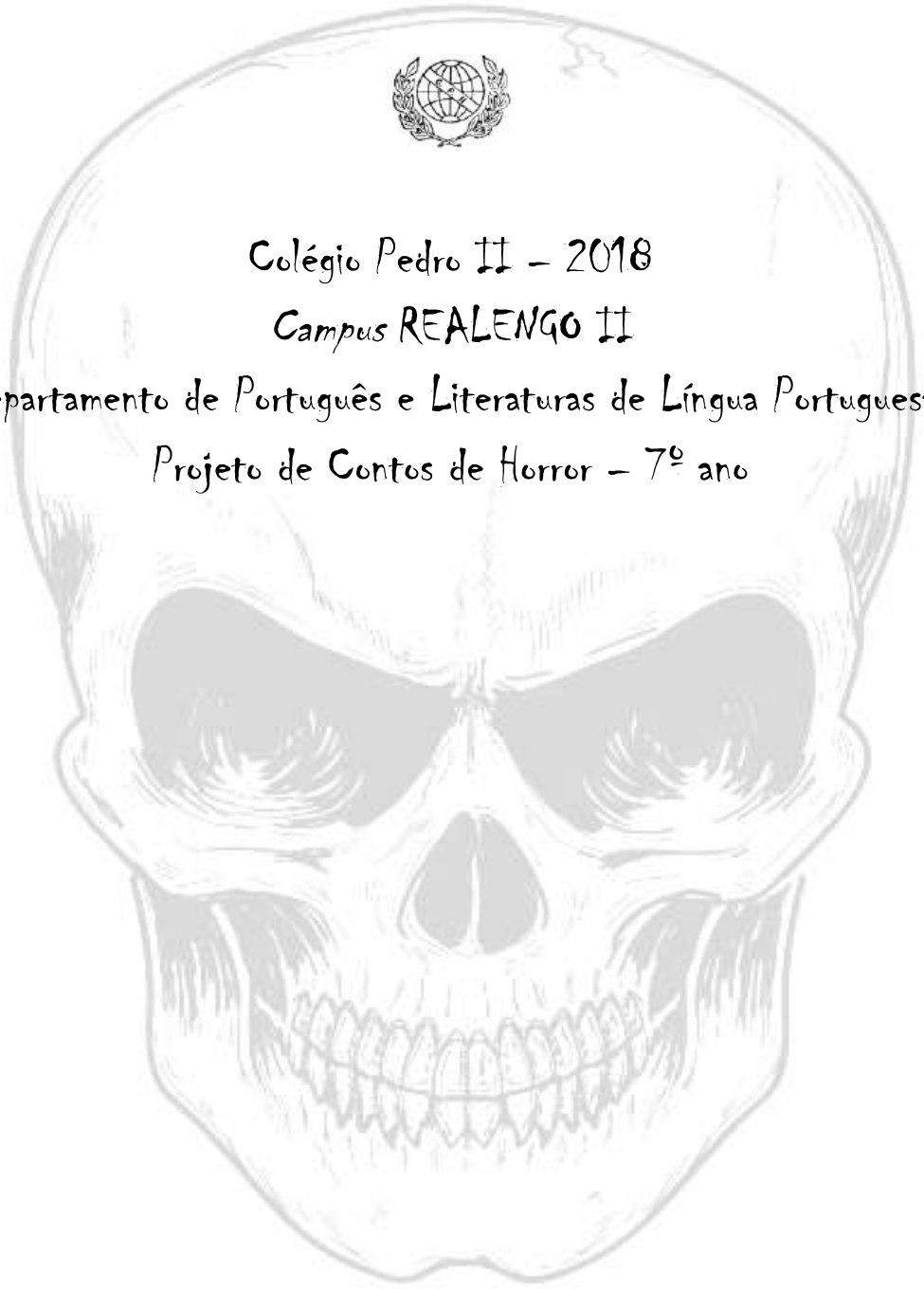
— Nossa! Então eu corro perigo em estar aqui! — balbuciou o viajante que a tudo ouvia tremendo de pavor.

— Não, meu caro. Hoje em dia, os vivos não têm o que temer, pois ela aprisiona apenas as nossas almas, pois,, aqui em Carcassone, cometemos essa injustiça e devemos pagar nossos pecados...

Quando Pierre se voltou para o homem, tentando entender suas últimas palavras, ele percebeu horrorizado que a casa onde ouvira todo o relato, na verdade não passava de ruínas e que o camponês que relatou a história era o fantasma de Edwin. O camponês, juntamente com uma multidão de figuras fantasmagóricas, se dirigiu para o cemitério medieval e desapareceu no ar.

Antes de desmaiar, Pierre ainda vislumbrou a figura macabra da bruxa de Carcassone gargalhando...

— Ah!Ah!Ah!Ah!Ah!Ah!



Colégio Pedro II – 2018

Campus REALENGO II

Departamento de Português e Literaturas de Língua Portuguesa

Projeto de Contos de Horror – 7º ano